

Descobrir e inventar: questões de orientação crítica, em Formação da literatura brasileira

Bernardo Nascimento de Amorim
Universidade Federal de Minas Gerais

Resumo: *O artigo apresenta uma leitura da Introdução da Formação da literatura brasileira, tendo em vista destacar alguns dos fundamentos da perspectiva do autor acerca da atividade do crítico literário, os quais se podem aproximar, em relações de contraste ou de identificação, do que teriam pensado outras figuras dedicadas ao ofício, do passado e contemporâneos de Candido, como Sérgio Millet, Sílvio Romero e Afrânio Coutinho.*

Palavras-chave: *crítica literária brasileira, Antonio Candido, outros críticos nacionais*

[...] pois a mimese é sempre uma forma de poiese.¹

1. Na Introdução da *Formação da literatura brasileira*, Antonio Candido procura deixar claro que está a tratar de questões que poderiam não ser explicitadas, sem que houvesse perda para a qualidade e para a fruição do trabalho

1. CANDIDO. *Literatura e sociedade*, p. 13.

que realiza ao longo do livro. É famosa a nota que o autor acrescenta ao título da primeira parte da Introdução, “Literatura como sistema”, em que diz que a sua leitura “é dispensável a quem não se interesse por questões de orientação crítica, podendo o livro ser abordado diretamente pelo Capítulo I”.²

Naquele momento, vive-se, no Brasil, uma intensa discussão acerca dos caminhos da crítica, de seus métodos, sua função, seus objetivos, sobretudo, tendo em vista uma superação de antigos modelos. Estes se costumavam resumir em duas frentes, a da crítica impressionista, representada por um autor como Álvaro Lins, militante dos rodapés das páginas dos jornais, e a de uma crítica mais sistemática, aquela fundada na década de 1880, por nomes como Sílvio Romero e José Veríssimo. Como uma terceira via, naquela altura, apresentavam-se a crítica formalista, de origem eslava, e a perspectiva anglo-saxônica do *New criticism*, de que era especialmente defensor, no Brasil, no âmbito acadêmico carioca, Afrânio Coutinho, combatente das duas tendências do passado, como, de certo modo, Candido, mas distante deste, justamente, por seu apego maior à reflexão sobre a crítica do que ao seu exercício, por certa ênfase na teoria, em detrimento do confronto com as obras literárias propriamente ditas.

2. Na quarta parte de sua Introdução, Candido fala de uma crítica que estaria equidistante, tanto do impressionismo quanto do que chama de dogmatismo, neste último caso, ao que tudo indica, referindo-se a certas tendências da crítica contemporânea, associáveis, em particular, ao que se coloca como as “pretensões excessivas do formalismo”.³ Além de se mostrar engajado na superação, não apenas do impressionismo, mas, também, da perspectiva oitocentista, que teria submetido o estudo da literatura a interesses concentrados nos “fatores básicos, sociais e psíquicos”,⁴ fazendo do pesquisador mais sociólogo, político, médico, psicanalista, do que crítico literário,⁵ o autor deseja evitar a redução da literatura a problemas puramente formais, que não seriam suficientes, em sua compreensão, para se ver “o homem e as suas obras de maneira una e total”.⁶

2. CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 25.

3. CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 25.

4. CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 25.

5. Cf. CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 34.

6. CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 25.

Candido defende, então, a ideia de uma “crítica viva”, aquela que empenharia “a personalidade do crítico”,⁷ sem se tornar, entretanto, uma elucubração gratuita, intuitiva, de propósito estético. É que, neste terreno, conforme o autor, não se poderia abrir mão da responsabilidade de se buscar uma “verificação objetiva”,⁸ visando um juízo. Concebe-se o processo crítico, a partir daí, como composto de três elementos, ou fases distintas. Em primeiro lugar, aconteceria a percepção, em segundo, a compreensão, em terceiro, o julgamento. Em termos próprios, fala-se em “um elemento perceptivo inicial, um elemento intelectual médio, um elemento voluntário final”,⁹ destacando-se o segundo como aquele que configuraria, propriamente, o trabalho crítico. Este seria entendido como “o trabalho paciente da elaboração”, em que se “tritura a impressão, subdividindo, filiando, analisando, comparando, a fim de que o arbítrio se reduza em benefício da objetividade, e o juízo resulte aceitável pelos leitores”.¹⁰

Com esta concepção da atitude crítica, Candido, procurando se afastar dos referidos impressionismo e dogmatismo, aproximava-se do que imaginava ter feito um outro autor, de uma geração imediatamente anterior à sua. No artigo “O ato crítico”, publicado em *A educação pela noite*, discorre sobre a atividade intelectual de Sérgio Milliet, com ênfase no seu exercício da crítica de arte, intensificada a partir da década de 1940. Em determinada passagem, é a suposta ausência de cristalização da visada do autor, “numa doutrina e num método, ao contrário da maioria dos críticos”,¹¹ o que se mostra digno de louvor. Em outra, a par do elogio da flexibilidade, do ceticismo e do relativismo de Milliet, que se poderiam opor à “rigidez que teria o estruturalismo”,¹² reivindica-se a sua lição como alternativa a um “meio sufocado pelo aparato teórico”.¹³ Repete-se a fórmula da mencionada Introdução, quando se conceitua o ato crítico como “a disposição de empenhar a personalidade, por meio da inteligência e da sensibilidade, através da interpretação das obras, vistas sobretudo como mensagem de homem a homem”.¹⁴ Para Milliet,

7. CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 33.

8. CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 33.

9. CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 33.

10. cf. CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 33.

11. CANDIDO. *A educação pela noite*, p. 152.

12. CANDIDO. *A educação pela noite*, p. 164.

13. CANDIDO. *A educação pela noite*, p. 156.

14. CANDIDO. *A educação pela noite*, p. 156.

segundo Candido, o trabalho crítico seria composto de dois momentos, o racional, que “se reveste de objetividade, tendendo a um julgamento e a uma escolha”, e o sensível, que consistiria “na participação afetiva do crítico no texto”.¹⁵ Fica claro que se tem em vista a “atuação harmoniosa dos dois momentos”,¹⁶ com o que se poderia chegar ao objetivo da crítica, nas palavras de Candido, o de “multiplicar a inteligibilidade do objeto e ampliar a inteligência do sujeito”.¹⁷

3. Seguindo com Milliet, no mesmo artigo, sugere-se outro ponto fundamental para as reflexões sobre a crítica literária. É o que acontece quando se enfatiza a negação do autor do que chama de “esteticismo puro”,¹⁸ contraposto a um “interesse pelo condicionamento social e cultural das obras”,¹⁹ que daria ao seu pensamento “uma constante sociológica de referência”.²⁰ Revela-se, aí, algo de uma preocupação permanente de Antonio Candido, como pesquisador de formação sociológica, que teria tido em Sílvio Romero uma grande referência, nos momentos centrais de sua formação intelectual, pelos idos da mesma década de 1940 em que Milliet se consolida como crítico.²¹ A questão não poderia deixar de aparecer na parte de explicitação teórica da *Formação da literatura brasileira*, onde há formulações a respeito do modo como os chamados “fatores externos”,²² tão em voga, nas formas de interpretação do século dezanove, passariam a fazer parte de um texto, bem como sobre a sua importância para a crítica literária.

Na terceira parte da Introdução, que o autor intitula “Pressupostos”, ressalta uma palavra que faria lembrar muito a perspectiva filosófica de Romero, permanentemente presente, no horizonte teórico de Candido. Trata-se do termo “determinação”, que aparece quando o autor, defendendo a legitimidade do ponto

15. Cf. CANDIDO. *A educação pela noite*, p. 160.

16. CANDIDO. *A educação pela noite*, p. 160.

17. CANDIDO. *A educação pela noite*, p. 158.

18. MILLIET apud CANDIDO. *A educação pela noite*, p. 163.

19. CANDIDO. *A educação pela noite*, p. 162.

20. CANDIDO. *A educação pela noite*, p. 153.

21. No prefácio da segunda edição de *O método crítico de Sílvio Romero*, inicialmente, sua tese de doutorado, Candido diz ter um motivo pessoal para dar novamente a público o volume. Interessa-lhe, então, em suas palavras, “marcar o ponto de partida das posições críticas” a que chegou (Cf. CANDIDO. *O método crítico de Sílvio Romero*, p. 12).

22. CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 35.

de vista histórico para os estudos literários,²³ afirma que, por as obras se articularem, necessariamente, no tempo, deve ser possível, senão desejável, discernir “uma certa *determinação* na maneira por que são produzidas e incorporadas ao patrimônio de uma civilização”.²⁴

Em Sílvio Romero, Candido via, com efeito, “um dos intérpretes mais lúcidos” da formação cultural brasileira, com sua vocação de sociólogo e historiador da cultura, bem de acordo com os “padrões ‘cientificistas’ de seu tempo”.²⁵ A ele associava o papel de “fundador da crítica moderna no Brasil”,²⁶ aquele que teria sabido incorporar à sua investigação o método histórico, grande conquista do século dezenove, que teria dado “ao homem moderno o sentido da sua relatividade e da sua dependência em relação às gerações passadas”.²⁷ Romero teria introduzido, no Brasil, segundo Candido, “a noção de determinismo literário, considerando o escritor um fruto da cultura, e esta um produto da raça, do meio, das tradições e das influências estrangeiras, submetido, como todos os fenômenos do mundo, à lei geral e básica da evolução transformadora”.²⁸

Escrevendo cerca de meio século depois do autor da primeira grande *História da literatura brasileira* (1888), não escaparia a Candido, entretanto, a espécie própria do reducionismo de Romero, intrínseco a um sistema de pensamento no qual a literatura, como objeto, ocupava um segundo plano. Àquela altura, de fato, a obra de arte literária interessava, sobretudo, como produto de relações em cujo seio se manifestaria um suposto caráter nacional, o qual se imaginava com base em noções como as de “espírito do tempo” e “espírito do povo”.²⁹ Está-se, então, no tempo em que o foco de maior interesse da crítica se

23. No prefácio da primeira edição do livro, a “perspectiva histórica” é definida como aquela que melhor se adéqua ao propósito de “definir ao mesmo tempo o valor e a função das obras” (CANDIDO, *Formação da literatura brasileira*, p. 11).

24. CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 31. Grifo meu.

25. Cf. CANDIDO. *O método crítico de Sílvio Romero*, p. 10.

26. CANDIDO. *O método crítico de Sílvio Romero*, p. 17.

27. CANDIDO. *O método crítico de Sílvio Romero*, p. 166.

28. CANDIDO. *O método crítico de Sílvio Romero*, p. 171.

29. Os termos remetem à língua alemã, em que se traduzem, respectivamente, como se sabe, por *Zeitgeist* e *Volksgeist*.

associava à “função cultural do escritor”,³⁰ vista em relação a um projeto de construção da nação, para a qual o próprio crítico, como intelectual, como homem ilustrado, pretendia dar a sua colaboração.

Na parte quinta da Introdução à *Formação da literatura brasileira*, intitulada “Os elementos de compreensão”, Candido procura tornar claro o que chamaria de “uma crítica integrativa”,³¹ a qual, de certo modo, complementaria a noção de “crítica viva”, tal como sugerida acima, indicando o caminho para a superação dos modelos anteriores. Fala-se, neste ponto, sobre uma realidade anterior à obra, à qual esta estaria sujeita. Imagina-se uma dimensão composta de “elementos inicialmente não literários”,³² que acabariam por penetrar o texto, ainda que este não se configurasse como um simples reflexo. Elementos daquela ordem seriam, especialmente, de dois tipos, os que se poderiam designar como sociais, por um lado, e o “fator individual, isto é, o autor”, aquele que projeta e realiza a obra, e que deve estar, de algum modo, “presente no resultado”,³³ por outro.

Neste momento, entretanto, interfere, na compreensão do crítico a respeito do fenômeno literário, uma outra ideia, bem moderna. O autor lembra a noção de autonomia da arte, segundo a qual se poderia conceber a obra como “uma realidade autônoma”, cujo valor estaria, não nos elementos chamados extraliterários (“impressões, paixões, ideias, fatos, acontecimentos, que são a matéria-prima do ato criador”), mas “na fórmula”,³⁴ com que eles seriam, esteticamente, elaborados. Adentra-se, então, no terreno de uma crítica atenta ao “como” do processo artístico, à maneira como o escritor organiza a matéria de que pode dispor, de modo a inventar, nas palavras de Candido, “uma vida nova”, que não poderia ser, mesmo para que tivesse algum valor artístico, um simples “reflexo dos fatores iniciais”.³⁵

30. CANDIDO, *O método crítico de Sílvio Romero*, p. 173.

31. A expressão aparece no prefácio à segunda edição de *O método crítico de Sílvio Romero*. Sobre o trabalho, Candido afirma: “Neste livro, quase no início duma carreira, procurei [...] sugerir uma crítica integrativa, superando os resquícios do Naturalismo, que ainda sobreviviam, e mostrando as limitações do ponto de vista sociológico, então em grande voga e ao qual eu próprio aderira, anos antes, ao começar a escrever.” (CANDIDO. *O método crítico de Sílvio Romero*, p. 14).

32. CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 36.

33. Cf. CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 35.

34. Cf. CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 35.

35. Cf. CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 36.

Ao falar sobre a pertinência e a exigência de uma elaboração estética, que tornaria a obra uma realidade singular, Candido está a pensar na medida exata da importância de se averiguar até que ponto aqueles elementos, por assim dizer, extraliterários, interfeririam, em cada caso particular, na “elaboração do conteúdo humano da obra”.³⁶ Nas palavras do autor, trata-se de uma operação própria da crítica, “uma delicada operação”, a de “distinguir o elemento humano anterior à obra e o que, transfigurado pela técnica, representa nela o conteúdo, propriamente dito”.³⁷ Tem-se a certeza de que este se manifestaria no texto, e *como* texto, sendo ele, portanto, o objeto a ser privilegiado, em uma investigação crítica. Para a compreensão da “realidade superior do texto”, contudo, frisa o autor, não se poderia incorrer no que chama de “falsa pudicícia formalista”, sob cujo domínio se rejeitaria, com base em um “preconceito metodológico”, toda e qualquer “interpretação social e psicológica”.³⁸

4. A questão da relação entre os fatores externos e os internos de uma obra literária, central na concepção da “crítica integrativa”, continuaria a solicitar a atenção de Candido, nos anos seguintes à publicação de seu livro de história da literatura, momento em que se consolida a crítica universitária, no Brasil, em paralelo à influência de tendências da teoria literária estrangeira. A estas procurava estar especialmente atento, entre os críticos nacionais, Afrânio Coutinho, membro, desde 1962, da Academia Brasileira de Letras, espaço conquistado após defender, nos jornais e através da própria atividade de docente – acreditando em uma dinâmica de renovação, em “teorias e métodos revolucionários” –, o estudo da literatura com o foco no que chamava de seus “elementos intrínsecos, de natureza estética”, constituintes de sua “literariedade”.³⁹

É verdade que também Coutinho, embora mais exaltado com as novidades vindas de fora, muitas delas avessas a abordagens como a de Candido, procurava não descartar por completo a relevância de fatores extraliterários, como aqueles “oriundos do social, do político, do moral, do religioso”,⁴⁰ para a compreensão da particularidade das obras. Não se deixa de reparar, entretanto, no organizador de *A literatura no Brasil*, certa insistência no aspecto propriamente estético da

36. CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 36.

37. Cf. CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 36.

38. Cf. CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 37.

39. Cf. COUTINHO. *Da crítica e da nova crítica*, p. X-XI.

40. COUTINHO. *Da crítica e da nova crítica*, p. X.

produção artística, em uma ênfase cujo texto precursor seria, em sua perspectiva, a *Poética*, de Aristóteles. Este tratado fundador ecoaria nas “escolas ‘formalistas’ ou ‘estruturalistas’”, em que identifica um mesmo objetivo, qual seja, “o exame ou análise das qualidades intrínsecas, estruturais, textuais”⁴¹ dos artefatos literários.

Em diversos artigos e ensaios, Coutinho comentava as falhas do que chamava de “críticos sociológicos”, incluindo, entre eles, os marxistas, que teriam esquecido ou não teriam compreendido “que as relações entre a literatura e a sociedade não podem ser vistas senão em termos de *influência*, jamais como nexos de determinação”.⁴² Para o autor, “de uma perspectiva verdadeiramente literária, poética”, que associa, através de um adjetivo muito próprio de seu vocabulário, à “*autêntica* atitude crítica”, seria mesmo lícito, até certo ponto, ignorar considerações a respeito das “relações entre o caráter do autor, sua ambiência social, e a obra”, em nome do foco no texto, “em suas qualidades estéticas, intrínsecas”.⁴³

5. A este ângulo de visão, Candido, após a publicação e a repercussão da *Formação da literatura brasileira*, continuaria procurando dar uma resposta, em busca da conciliação dos extremos, em nome daquela “crítica integrativa”, ou “crítica viva”, a que venho me referindo. É o que se observa, de modo exemplar, em uma reflexão apresentada, primeiramente, no II Congresso de Crítica e História Literária, realizado em julho de 1961, na cidade de Assis, e publicado, em 1965, com o nome de “Crítica e sociologia: tentativa de esclarecimento”, na abertura do livro *Literatura e sociedade*.

No ensaio, o autor dá por certa a conclusão, própria dos estudos literários de seu tempo, de que “a análise estética precede considerações de outra ordem”, mostrando-se, entretanto, interessado em avaliar o lugar, no campo destes estudos, da “relação entre a obra e o seu condicionamento social”,⁴⁴ foco da crítica oitocentista, como a de Sílvio Romero. O que defende, então, é a fusão entre texto e contexto, “numa interpretação dialeticamente íntegra”, que deve considerar os elementos externos à obra, aqui, em particular, os elementos da realidade social em que se encontra o escritor, “não como causa, nem como significado”, mas em seu papel “na constituição da estrutura”,⁴⁵ em que se tornariam, por assim dizer, internos.

41. Cf. COUTINHO. *Crítica e poética*, p. 24.

42. Cf. COUTINHO. *Crítica e poética*, p. 15. Grifo do autor.

43. Cf. COUTINHO. *Crítica e poética*, p. 19-20.

44. Cf. CANDIDO. *Literatura e sociedade*, p. 5.

45. Cf. CANDIDO. *Literatura e sociedade*, p. 6.

Percebe-se, aí, a incorporação do termo que daria origem à escola estruturalista, de cujos extremos, todavia, Candido continua procurando se afastar. Não seria problema, para ele, usar a palavra, o conceito de estrutura. Fica mesmo claro que, em seu modo de ver, no movimento de análise da obra literária, é ela, a estrutura, que “constitui o ponto de referência”.⁴⁶ O autor, nesta altura, tem como certo o pressuposto de que o trabalho artístico estabelece uma “relação arbitrária e deformante” com a realidade, “mesmo quando pretende observá-la e transpô-la rigorosamente”.⁴⁷ À crítica caberia, nesta perspectiva, considerar “os fatores sociais”, assim como os psíquicos, “no seu papel de formadores da estrutura”, na “função que exercem na economia interna da obra”, a qual remeteria “ao nível da fatura”, âmbito em que se deve compreender “a singularidade e a autonomia da obra”.⁴⁸

Ressaltando a especificidade da crítica literária, Candido a separa do que chama de sociologia da literatura, cujo foco não seria a obra, mas, antes, “os elementos sociais que formam a sua matéria”, “as circunstâncias do meio que influíram na sua elaboração”, ou mesmo “a sua função na sociedade”.⁴⁹ Procurando o ponto de equilíbrio, entretanto, o autor não deixa de manifestar, ainda no mesmo texto, o seu desgosto a respeito do que chama de “estruturalismo radical”, o qual, para ele, “despreza, entre outras coisas, a dimensão histórica”, tomando a obra “como um universo fechado”, como “um todo que se explica a si mesmo”.⁵⁰ O que prevalece, então, é, mais uma vez, a ideia da crítica integral, aquela que nem exacerba, “além dos limites cabíveis, o senso da função interna dos elementos, em detrimento dos aspectos históricos – dimensão essencial para apreender o sentido do objeto estudado”,⁵¹ nem se prende, com exclusividade, aos aspectos sociológicos e psicológicos da realidade dos autores.

6. Retomando a figura de Afrânio Coutinho, é interessante notar, como, em seus textos, manifesta-se uma ênfase no aspecto doutrinário da atividade crítica, muitas vezes, levando a uma aproximação entre ela e o método científico, ou o “espírito científico”,⁵² virtualmente capaz de evitar, entre os que se queriam

46. CANDIDO. *Literatura e sociedade*, p. 8.

47. Cf. CANDIDO. *Literatura e sociedade*, p. 13.

48. Cf. CANDIDO. *Literatura e sociedade*, p. 12-15.

49. Cf. CANDIDO. *Literatura e sociedade*, p. 12.

50. Cf. CANDIDO. *Literatura e sociedade*, p. 15.

51. CANDIDO. *Literatura e sociedade*, p. 9.

52. COUTINHO. *Crítica e críticos*, p. 37.

críticos, o “critério puramente subjetivo do gosto ou das preferências sentimentais”.⁵³ Observa-se, nesta perspectiva, uma insistência em procurar estabelecer “um sistema de normas”, próprio do que se deseja tornar “uma disciplina científica”, a que se associa o “sentido construtivo”⁵⁴ da crítica. Nisto o autor acredita quando vitupera “o autodidatismo, a improvisação, o puro impressionismo, o desregramento, a ausência de método e sistema, a facilidade jornalística e opinativa”, a serem desbancados pela “mentalidade científica”,⁵⁵ que imaginava estar sendo implantada, no Brasil, desde, pelo menos, o I Congresso Brasileiro de Crítica e História Literária, realizado em Recife, em 1960.⁵⁶

É tendo em vista estas colocações de Coutinho que se pode situar a posição de Candido com relação ao que pensava – como no prefácio à segunda edição da *Formação da literatura brasileira*, de 1962 – ser um excesso de interesse pelo método, uma preferência mais por “falar sobre a maneira de fazer crítica, ou traçar panoramas esquemáticos”, do que por “fazer efetivamente crítica, revolvendo a intimidade das obras e as circunstâncias que as rodeiam”.⁵⁷ Candido insistiria, de fato, na recusa das possibilidades do que se poderia imaginar como uma sorte de engessamento da atividade intelectual, a qual deveria ser compreendida, preferencialmente, não de maneira dogmática, como algo que se realiza através da adesão a um método específico, mas de forma a comportar, inclusive, a participação afetiva dos sujeitos nela envolvidos.

Neste caso, seria exemplar a postura do autor, não apenas com relação a um crítico como Sérgio Milliet, mas, também, diante da atuação de alguém como Álvaro Lins, com quem Afrânio Coutinho travara as maiores batalhas, durante o período de afirmação da crítica universitária, contra a visada impressionista. Lins, que teria feito desta atividade uma espécie de “aventura da personalidade”, seria dotado, segundo Candido, escrevendo na década de 1940, das qualidades de um “verdadeiro crítico, aquele que funde sensibilidade com poder de analisar”.⁵⁸ Para

53. COUTINHO. *Da crítica e da nova crítica*, p. 40.

54. Cf. COUTINHO. *Da crítica e da nova crítica*, p. 43-44.

55. Cf. COUTINHO. *Crítica e críticos*, p. 127.

56. Para o autor, em artigo de setembro daquele ano, o Congresso testemunhava “um momento decisivo, um verdadeiro *tournant*, na história da crítica brasileira” (COUTINHO. *Crítica e críticos*, p. 126).

57. Cf. CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 17.

58. Cf. In: LINS. *Jornal de crítica*, p. 13-16.

o autor, com efeito, não parecia ser um problema incontornável que um crítico imaginasse, como centro do seu método, a sua própria pessoa. Esta, na verdade, nunca deixaria de ser, em sua perspectiva, um elemento da maior importância, mesmo porque, em suas palavras, o “trabalho interpretativo”, centro da atividade crítica, teria como eixo, não apenas descobrir, “pelos processos analíticos”, a coerência das obras literárias, mas, em parte, a ação de inventá-la, como “traçado explicativo”,⁵⁹ forjado com base na harmonia entre a intuição e a investigação.

O que se vê, em Candido, enfim, não seria a busca de uma objetividade, por assim dizer, descarnada, desligada da participação humana do próprio crítico. Por isso, fala, no último parágrafo da Introdução à *Formação da literatura brasileira*, que a crítica não pode deixar de ser “um ato arbitrário”,⁶⁰ dotado de um componente criador, para além do elemento puramente registrador. Eis, aí, uma espécie de humanismo do autor, o qual resistiria aos modismos dos anos seguintes à publicação de sua obra de maior fôlego.

Entre o impressionismo e o dogmatismo, a meio caminho entre a vida e a técnica, Candido teria sabido dar a fórmula de uma crítica equilibrada, que, sem abrir mão de nenhuma de suas três instâncias, isto é, a da análise, a da interpretação, a do julgamento, poderia ser compreendida, não como um instrumento para, como queria Coutinho, o “domínio” e a “decifração da verdade”,⁶¹ mas como uma aventura de construção de sentido. O terreno da crítica se mostra, então, como o da conjugação entre a descoberta e a invenção, experimentadas no confronto direto com as obras de arte, para o estabelecimento de alguma coerência, sem a qual não se poderia legitimar nenhuma avaliação. No horizonte das reflexões do autor, esta permanece sendo a tarefa do crítico responsável, compromissado, ainda, com uma atividade que não se pode conceber apenas como de “reconhecimento”, pois se trata, igualmente, da nem sempre leve exigência, não raro escamoteada, sobretudo, nos dias que correm, da “definição de valor”.⁶²

59. Cf. CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 39.

60. CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 39.

61. Cf. COUTINHO. *Da crítica e da nova crítica*, p. 28.

62. Cf. CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 33.

To discover and to invent: Critical orientation issues, in
Formação da literatura brasileira

Abstract: *The article presents a look at Formação da literatura brasileira's Introduction, in view of detach some of the author's perspective basis about literary critic. I will try to approximate some of them, thinking about contrast and identification relations, to what had thought other critics, from the past and Candido's contemporaneous, like Sérgio Milliet, Sílvio Romero and Afrânio Coutinho.*

Keywords: Brazilian literary critic, Antonio Candido, other national critics

Referências

- CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos, 1750-1880*. 12. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul; São Paulo: FAPESP, 2009. 800 p.
- CANDIDO, Antonio. Crítica e sociologia: tentativa de esclarecimento. In: _____. *Literatura e sociedade*. 8. ed. São Paulo: T. A. Queiroz: Publifolha, 2000. p. 5-16.
- CANDIDO, Antonio. O ato crítico. In: _____. *A educação pela noite*. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul. p. 147-165.
- CANDIDO, Antonio. *O método crítico de Sílvio Romero*. 4. ed. rev. pelo autor. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006. 256 p.
- CANDIDO, Antonio. Um crítico [Introdução]. In: LINS, Álvaro. *Jornal de crítica*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1947. 5. série. p. 11-35.
- COUTINHO, Afrânio. *Crítica e críticos*. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1969. 248 p.
- COUTINHO, Afrânio. *Crítica e poética*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1968. 157 p.
- COUTINHO, Afrânio. *Da crítica e da nova crítica*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1975. 222 p.
- LIMA, Luiz Costa. Questionamento da crítica literária. In: _____. *Dispersa demanda: ensaios sobre literatura e teoria*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981. p. 199-207.
- SÜSSEKIND, Flora. Rodapés, tratados e ensaios: a formação da crítica brasileira moderna. In: _____. *Papéis colados*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003. p. 15-36.